

ANDRADE, Mario de. *Balança, Trombeta e Battleship ou O descobrimento da alma*. Edição genética e crítica de Telê Ancona Lopez. Projeto gráfico de Hélio de Almeida. São Paulo: Instituto Moreira Sales; Instituto de Estudos Brasileiros, 1994. 179 p.

O trabalho de conservação e estudo de manuscritos de autores brasileiros desenvolvido pelo IEB da USP oportunizou a publicação de um texto inédito de Mario de Andrade, intitulado *Balança, Trombeta e Battleship ou O descobrimento da alma*. Além dessa peculiaridade, o livro apresenta ainda uma outra: desvenda para o leitor as etapas de criação do conto, através de um estudo genético das anotações e dos manuscritos deixados pelo autor.

O conto narra a história de Battleship, um jovem inglês que vive de 'bater carteira'. Depois de muitas viagens pelo mundo, ele vem parar no Brasil, apaixonado pelo gosto do café, "bebida incomparável, que delícia! (. . .) nem uísque! . ." (p. 17). Battleship vive um tempo no Rio de Janeiro, depois em Minas Gerais, até se estabelecer definitivamente em São Paulo, morando num "desses hoteizinhos de improviso no centro da capital" (p. 20). Vai levando sua vida como *pickpocket*, até conhecer a mendiga Trombeta numa Parada de 7 de Setembro no Jockey Club.

A princípio, o jovem pensa que a menina quer roubá-lo e passa a prestar atenção nela, sentindo nojo pela sujeira da roupa e do cabelo da maltrapilha. Fica com raiva pela ousadia de uma menina tão novinha e resolve castigá-la. Mas ele é atacado de surpresa, quando a mendiga lhe pede uma esmola, provocando no inglês uma sensação de inutilidade. A partir daí, Battleship

resolve segui-la e descobre que Trombeta mora nos arrabaldes de São Paulo num casebre abandonado com uma velha mulata chamada Maria, que diz ser sua mãe, e com Balança, amiga que a seguiu e nunca mais voltou para casa. Os nomes foram tirados de um sermão de um padre que elas ouviram numa capela; as duas apelidaram D. Maria de Juízo Final, em segredo, porque "uma reserva de superioridade por quem não era igual a elas fizera com que não revelassem nunca pra velha que a chamavam de Juízo Final". (p. 29)

Battleship fica impressionado com a pobreza e a sujeira das três e resolve ajudá-las. Compra sabão, esponja, toalha, pente e vestidos novos para as meninas e um xale para D. Maria. Sua intenção é fazer Trombeta e Balança tomarem banho. Quando chega ao casebre, ele dá os presentes para Trombeta, que quase não acredita que está ganhando roupas não usadas. Os dois experimentam sentimentos novos: ela, de gratidão; ele, de solidão; ambos, a dimensão exata da tristeza. "Brotara de tudo aquilo, arrebatando em escarcéus barulhentos que não pouco os aturdiu, a noção da felicidade. Isto é, pelo contrário, a certeza de que nunca tinham sido felizes" (p. 32). Cada um, comparando-se ao outro, sente-se um pobre desgraçado. Trombeta acha-se suja diante do lindo moço inglês, trabalhador; Battleship, por sua vez, sente-se só, sem família e despatriado. Antes de começar a chorar, o jovem convida a menina a se limpar, o que ela faz prontamente. Corre para a direção do rio e volta, em seguida, sem estar limpa e com a toalha toda suja. O inglês resolve ele mesmo dar-lhe banho: "Tirou o paletó, o colete, arregaçou as mangas e, depois de sacudir forte a arvoreta pra ver se a roupa dele não caía dos galhos, se orientou" (p. 34).

O banho, é claro, pressupõe que Trombeta fique nua; mas o constrangimento inicial é logo superado pelo companheirismo que une os dois. Quando Balança chega é que a situação muda, pois a menina sente-se ultrajada com a cena que vê e, pior, foge por não querer ser lavada na frente da amiga. A vergonha de Balança deixa o inglês encabulado, instaurando um mal-estar entre os dois, quando ficam sozinhos para o banho. Depois da tarefa cumprida, ele pensa que queria apenas apadrinhar as duas meninas, "mas Balança estragara tudo por causa do temperamento mais inventivo. Num ímpeto primaveril de curiosidade,

inventou a vergonha e sexuiu todos. (. . .) E assim um riacho de chuva levou a virgindade dos três" (p. 40).

Relacionando *Balança*, *Trombeta* e *Battleship* a *Amar*, verbo *intransitivo*, de 1927, e *Macunaíma*, de 1928, percebemos a íntima ligação entre os textos, no que diz respeito a dois aspectos essenciais: a forte presença da natureza e os impulsos da sexualidade. Nos três textos, ambos os elementos aparecem vinculados, como se o primeiro fizesse aflorar ou revelasse o segundo. O tratamento semelhante dado ao assunto, assim como a relevância conferida aos dois aspectos, indica a proximidade de época no trabalho de criação das três obras, como fica comprovado no estudo genético que segue o conto.

O livro é composto de duas partes bem distintas: a primeira é o texto de Mario de Andrade, belíssima narrativa sobre a descoberta da sexualidade; e a segunda é o estudo das etapas de criação do texto, percorrendo o processo genético por que ele passa até chegar à concepção final. No caso desse conto, como explica Telê Ancona Lopez, a etapa final obedece a critérios estabelecidos pela geneticista, de acordo com a história de criação de Mario. Quando ele considerava um texto como pronto, todos os originais eram destruídos, após a publicação. Assim, é possível afirmar que o autor ainda pretendia trabalhar nesse texto, na medida em que não o havia jogado fora.

Balança, *Trombeta* e *Battleship* passa por sete momentos de elaboração, que vão de 1927 a 1940, aproximadamente. O conto surge junto ao diário de Andrade para a escritura de *O turista aprendiz*, durante a viagem pelo rio Amazonas e afluentes, acompanhado de D. Olívia Guedes Penteado, mecenas paulista, Margarida Guedes Nogueira, sobrinha dela, apelidada Mag, e de Dulce do Amaral Pinto, Dolur, filha da pintora Tarsila. Aliás, o ambiente de criação é fundamental para a elucidação de alguns processos genéticos do texto, como afirma Telê: "No esboço do conto, as duas personagens femininas presentes no título têm as matrizes reveladas; Josafá e Battleship, não. O depoimento de Margarida Guedes Nogueira, em 1976, esclarece ter sido Josafá um passageiro que embarcou a certa altura da viagem, provocando em Mario imediata associação com o sermão de Vieira sobre o Julgamento Universal, sermão de onde partem os apelativos *Balança* e *Trombeta*" (p. 76). Ou seja, as duas personagens femininas do título são as meninas companheiras de

viagem, mas ainda há dúvidas quanto ao nome da personagem masculina.

O segundo momento, abrangendo de 1927 a 1933, é, na verdade, uma série de notas breves, guardadas num envelope, que pretendem desenvolver seqüências e ampliar aspectos antes apenas resumidos. Aqui aparece o verbo “brincar” como sinônimo de manter relação sexual, que será usado em *Macunaíma*. Além disso, ele opta pelo nome Josafá para o protagonista. Parece que essas anotações foram manuseadas durante anos, tendo Andrade o objetivo de utilizá-las para um conto ou romance.

Um rascunho do texto sem título, o que pode ser considerado um fragmento da sua primeira redação, ocorrida entre 30 e 39, provavelmente, é a terceira etapa. Há a fixação do título e a conseqüente opção pelo nome de Battleship para o herói. Esse momento apresenta duas fases: uma em que o autor recheia seu texto de acréscimos e substituições, transformando as personagens femininas e a caracterização do espaço; outra que se apóia sobre o texto já datilografado, mas que não se caracteriza como um avanço em relação à concepção final do conto.

É somente no quarto momento que ocorre a redação do primeiro capítulo do texto, possivelmente em 1933, como deduz Telê a partir da comparação das folhas utilizadas por Mario nesse manuscrito e noutros. Interrompido para a escritura de *Macunaíma* e *O turista aprendiz*, *Balança*, *Trombeta* e *Battleship* é construído a partir do rascunho a lápis no caderno pautado, cujas folhas vão sendo destruídas à medida que utilizadas, perfazendo 14 folhas de papel verde claro. Nesse momento, “as rasuras, abundantes, testemunho do refundir ao passar a limpo o rascunho, definem seis etapas no trajeto da escrita. A consciência imediata da palavra em falso, da incoerência, precedendo o próprio concluir da frase, obriga o autor à rasura datilográfica, muito característica sua: repete cifrões de modo a recobrir o que emenda” (p. 148), conforme Telê. É aqui que fica visível o aparato genético organizado pela crítica, o qual descortina, para nós leitores, as rasuras efetuadas pelo autor em busca do texto ideal.

O quinto momento está ligado à preparação de um excerto, entre 1933 e 1939, e se caracteriza especialmente pela retirada do trecho final datiloscrito de *Balança*, ..., marcado a lápis, para que se constitua no início do “idílio”, classificação do modernista para o texto que escrevia, intitulado “Riacho de chuva”. Telê

defende a hipótese de que essa versão foi datilografada por um profissional, já que Mario de Andrade, mau datilógrafo, trocava a ordem das letras, cometia lapsos e, principalmente, anulava trechos ou palavras sobrepondo-lhes o cifrão. Além disso, é possível reconhecer três etapas na escrita: rasuras a lápis azul, riscando o título e a classificação mantida na versão mandada para a revista *Presença*, de Portugal; rasuras a tinta preta, coincidentes com o texto enviado para a revista, mas que possui o título de "Riacho de chuva"; retoques a tinta mais leve, feitos, provavelmente, quando Mario repetia em sua cópia as emendas propostas no original datiloscrito.

A primeira publicação do texto, em 1940, é, na realidade, a impressão de um excerto de duas páginas, na revista *Presença*, de Coimbra, caracterizando-se, pois, o sexto momento de elaboração do conto. A ortografia é fixada na norma vigente no país, além de apresentar "variantes ligadas à ênclise pronominal dominante na terra de Pessoa" (p.168) e de substituir 'pra' por 'para', sempre visando à melhor compreensão de um público estrangeiro. O sétimo e último momento é a versão rasurada por Mario de Andrade do texto na revista, ocorrida depois de 1940, como se confere em sua biblioteca. Há uma única correção a lápis, que repõe o artigo 'a', suprimido na linha 149, suficiente para dar à matéria gráfica o valor de manuscrito.

Além de o leitor ser brindado com esse percurso da escritura do conto, ele se depara com um belo livro, contendo um interessante ensaio fotográfico. Há as fotos da viagem de Mario e de suas acompanhantes, que nos revelam o ambiente em que vivia o autor no começo da escrita, e as fotos dos originais, das notas e dos rascunhos de *Balança*, *Trombeta* e *Battleship*, permitindo ao leitor conhecer o material ao qual somente os estudiosos tinham tido acesso até agora. Registrem-se, porém, alguns deslizos de revisão que empalidecem um pouco o brilho da edição, como a troca da letra 't' pela 'd', no conto, na página 19, linha 72, fazendo com que a palavra 'quanto' torne-se 'quando', possível de ser comprovada pela foto dos originais na página 153; ou ainda o esquecimento do nome de 'Liszt' entre 'Mendelssohn' e 'Borodine', na página 78, quando da descrição do manuscrito. Sem dúvida, todos esses detalhes podem ser revistos para a segunda edição que essa obra certamente terá.

Através desse estudo realizado com o conto de Mario de Andrade, fica claro que o texto literário é o produto de um trabalho que envolve rasuras de diferentes naturezas, desde a simples substituição de um artigo até o complexo deslocamento de trechos. Ao publicar um texto inédito do modernista e desvendar seu processo de criação, os editores e organizadores de *Balança, Trombeta e Battleship* alcançaram o que pretendiam: uma publicação que agrada tanto a leitores comuns, que buscam, acima de tudo, o prazer na leitura, como àqueles especializados, que, além do deleite, têm um interesse científico pela literatura.

Márcia Ivana de Lima e Silva
Doutoranda em Letras da PUCRS